

Interculturalidad estética y prácticas artesanales

Mujeres, feminismo y arte popular

Eli Bartra, Liliana Elvira
y Marisol Cárdenas
(coordinadoras)



las coordinadoras...

Eli Bartra

Nació en la Ciudad de México, en 1947. Doctora en filosofía y profesora distinguida de la Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco, México. Cofundadora del área de investigación “Mujer, identidad y poder”, de la maestría en Estudios de la Mujer, y del doctorado en Estudios Feministas, del cual es coordinadora. Pertenece al Sistema Nacional de Investigadores. Autora de numerosas publicaciones, entre ellas: *Desnudo y arte; Feminism and Folk Art: Case Studies in Mexico, New Zealand, Japan, and Brazil; Women in Mexican Folk Art: Of Promises, Betrayals, Monsters, and Celebrities; Mosaico de creatividades: experiencias de arte popular; Mujeres en el arte popular; Frida Kahlo: mujer, ideología y arte*. Compiladora de *Creatividad invisible: mujeres y arte popular en América Latina y el Caribe; Crafting Gender: Women and Folk Art in Latin America and the Caribbean*. Autora de numerosos artículos y capítulos de libros. Profesora visitante en diversos países del continente americano, Europa, Asia y Oceanía.

Liliana Elvira Moctezuma

Nació en la Ciudad de México, en 1984. Maestra en Estudios de la Mujer por la Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco y licenciada en Estudios Latinoamericanos por la Universidad Nacional Autónoma de México. Se ha desempeñado como asistente de investigación en el Instituto Mora, como investigadora en el Museo Soumaya y desde 2017 es ayudante del doctorado en Estudios Feministas en la UAM-X. Ha trabajado con distintas técnicas artesanales y su tema de investigación son las mujeres en el arte, especialmente aquellas dedicadas a la creación de arte popular.

Marisol Cárdenas Oñate

Investigadora social inter y transdisciplinaria, especialista en Estudios del Sentido especialmente en semiótica visual, retórica metafórica contemporánea y Estudios de Género en el área de Arte Popular y Mujeres. Doctora en Ciencias Sociales, Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco. Actuales campos de investigación: estéticas rituales de los pueblos ancestrales, así como mujeres, creatividad afrodescendiente y ecologías de la migración. Investigadora visitante en diversas universidades de Ecuador (su país natal), así como de México, Bolivia, India y en la Universidad de California, Berkeley.

INTERCULTURALIDAD ESTÉTICA Y PRÁCTICAS ARTESANALES
MUJERES, FEMINISMO Y ARTE POPULAR

D.R. © 2019: Universidad Autónoma Metropolitana
UAM-Xochimilco
Calzada del Hueso 1100
Col. Villa Quietud
04960 Ciudad de México
[dcshpublicaciones.xoc.uam.mx]
[pubcsh@correo.xoc.uam.mx]

Primera edición: octubre de 2019

Cuidado de la edición en español: Ana María Cortés Carmona y Rosario Núñez Mendoza
Cuidado de la edición en portugués: Diana Erika Alcaraz López
Arte popular de la portada: Vanesa Salas, *Sirena*, tela, 2016
Fotografía de la portada: Manuel Ortiz Escámez
Diagramación de portada e interiores: Sandra Mejía De la Hoz

ISBN 978-607-28-1616-9

Esta publicación del Departamento de Política y Cultura de la División de Ciencias Sociales y Humanidades de la Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco, fue dictaminada por pares académicos externos especialistas en el tema. Agradecemos a la Rectoría y a la Secretaría de la Unidad por el apoyo recibido para esta publicación.

Impreso y hecho en México

Interculturalidad estética y prácticas artesanales
Mujeres, feminismo y arte popular

Eli Bartra
Liliana Elvira
Marisol Cárdenas
coordinadoras



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA METROPOLITANA
UNIDAD XOCHIMILCO División de Ciencias Sociales y Humanidades



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA METROPOLITANA

Rector general, Eduardo Abel Peñalosa Castro
Secretario general, José Antonio de los Reyes Heredia

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA METROPOLITANA-XOCHIMILCO

Rector de Unidad, Fernando de León González
Secretaria de Unidad, Claudia Mónica Salazar Villava

DIVISIÓN DE CIENCIAS SOCIALES Y HUMANIDADES

Directora, Dolly Espínola Frausto
Secretario académico, Alfonso León Pérez
Encargada del departamento de Política y Cultura, Angélica Rosas Huerta
Jefe de la sección de publicaciones, Miguel Ángel Hinojosa Carranza

CONSEJO EDITORIAL

José Alberto Sánchez Martínez (Presidente)
Aleida Azamar Alonso / Alejandro Cerda García
Gabriela Dutrénit Bielous / Álvaro Fernando López Lara
Jerónimo Luis Repoll / Gerardo G. Zamora Fernández de Lara

Asesores del Consejo Editorial: Miguel Ángel Hinojosa Carranza / Rafael Reygadas Robles Gil

COMITÉ EDITORIAL DEPARTAMENTAL

Harim Benjamín Gutiérrez Márquez (presidente)
Clara Martha Adalid Urdanivia / Fabiola Nicté Escárzaga
Anna María Fernández Poncela / Marco Antonio Molina Zamora
Elsa Muñiz García / Hugo Pichardo Hernández / Ángeles Sánchez Bringas
Esthela Sotelo Núñez / Eduardo Tzili Apango
Luis Miguel Valdivia Santamaría

D.R. © Universidad Autónoma Metropolitana
Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco
Calzada del Hueso 1100, Colonia Villa Quietud,
Alcaldía Coyoacán, Ciudad de México. C.P. 04960
Sección de Publicaciones de la División de Ciencias Sociales y Humanidades.
Edificio A, 3er piso. Teléfono 54 83 70 60
pubcsh@gmail.com / pubcsh@correo.xoc.uam.mx
<http://dcsh.xoc.uam.mx/repdig>
<http://www.casadelibrosabiertos.uam.mx/index.php/libroelectronico>
<http://dcshpublicaciones.xoc.uam.mx>

Los textos presentados en este volumen fueron revisados y dictaminados por pares académicos expertos en el tema y externos a nuestra Universidad, a partir del sistema doble ciego y conforme a los lineamientos del Comité Editorial del Departamento de Política y Cultura, de la Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco.

O que aprendemos quando “artesanamos” juntas!

*Edla Eggert*¹

Existe um processo invisível de aprendizados que acontecem durante a produção das peças produzidas nos ateliers. O objetivo desse texto é apontar alguns argumentos que temos desenvolvido ao observar o contexto de um atelier e dialogar com artesãs sobre a fabricação de peças têxteis. Observamos que, tanto na costura, passando pelo bordado e chegando à tecelagem entre outros trabalhos artesanais, podemos dizer que há momentos de silêncio, e outros de conversas sobre amenidades, mas há também conversas técnicas da feitura das peças, bem como, outros diálogos mais densos que envolvem situações da vida de cada uma das artesãs presente na cena da artesanaria. E é sobre todos esses momentos que gostaria de apresentar alguns recortes de diálogos produzidos com três tecelãs.

Observar o saber fazer de um atelier

Ao longo de quase 10 anos tenho acompanhado especialmente o trabalho de 4 tecelãs num atelier do Município de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre capital do Estado do Rio Grande do Sul². É um atelier que não possui tradição familiar, ou seja, as tecelãs desse local não aprenderam o ofício junto as suas mães e avós, e sim, aprenderam com uma mestra, Vera Junqueira, o atual nome do atelier. Inicialmente, ela produzia as

¹ Professora na Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. Pós-doutora pelo Programa de Estudos da Mulher da Universidade Autônoma Metropolitana-Xochimilco, México. E-Mail: edla.eggert@gmail.com

² O estado do Rio Grande do Sul está situado no extremo sul do país, compondo um dos três estados da região sul, faz divisa com o Estado de Santa Catarina ao norte e possui fronteira com a Argentina a Oeste e o Uruguai ao Sul e o Oceano Atlântico a Sudeste. Segundo os dados do último censo (2010) é o Estado com a segunda menor mortalidade infantil do país (11,4 óbitos/1.000); com uma população de idosos superior à de crianças desde 2009 e demonstra que a expectativa de vida aumentou e que o estado diminuiu o número de nascimentos;

peças solitariamente, e à medida que foi sendo reconhecida pelo seu trabalho, recebia muitos pedidos e desse modo precisou de ajuda para concluir as encomendas de peças em tecelagem manual. Minha chegada até esse atelier se deu por meio de um contato que fiz junto à Cooperativa Rio Grandense de Artesãos – COOPARIGS, pois a intenção era pesquisar como se dava o processo de ensino e de aprendizagem num atelier. Na época, no ano de 2007, a vice-presidenta, ao ouvir meu relato sobre as intenções investigativas, respondeu prontamente: “eu sei onde tu poderás fazer tua pesquisa: no atelier Vera Junqueira, em Alvorada”³. E foi assim que iniciou esse processo de idas e vindas junto a esse grupo de mulheres. E é com base nele que apresento a seguir algumas memórias e reflexões.

Inspiro-me nas reflexões de Michel de Certeau⁴ sobre as justificativas que o levaram a produzir, com sua equipe, as pesquisas da invenção do cotidiano, as artes do fazer na vida ordinária. No meu caso, as pesquisas que tenho desenvolvido junto ao atelier remetem à vida ordinária de aprendizagens do trabalho artesanal feito por mulheres. Um “ordinário” tramado por mãos femininas, que trabalham em ateliers têxteis e que são produtoras de conhecimentos a partir de um fazer que sabem por ofício.

Conhecimentos que Maurice Tardif chama de saberes experienciais ou práticos, porque são desenvolvidos no trabalho cotidiano. Segundo ele, são os que “brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob forma de *habitus* e de habilidades, de saber fazer e de saber ser”⁵.

Ou ainda, tramo com Ivone Gebara que pensa a produção do conhecimento das mulheres por meio de uma “epistemologia da vida ordinária”⁶. E assim como Mónica Nepote⁷, partilho da suspeita de que nos fazeres entrecidos de trabalhos com fios, as mulheres e, em especial, as dos setores mais oprimidos, apontam novos movimentos de resistência e de organização na direção de perspectivas de um outro mundo. Pensar sobre

a taxa de alfabetização da população de 10 anos de idade ou mais é superior à brasileira e permanece entre as cinco melhores do país; está em sexto lugar no item de saneamento básico e possui uma população aproximada de mais de 5 milhões de habitantes. Confira: <https://www.ibge.gov.br/institucional/o-ibge.html> ; https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/12/201412173_fee-cenarios-rs_site.pdf.

³ <https://www.verajunqueira.com.br>

⁴ Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano. 1. As artes do fazer*, Petrópolis, Vozes, 2011.

⁵ Maurice Tardif. *Saberes docentes e formação profissional*, Petrópolis, Vozes, 2014. pp. 38-39.

⁶ Ivone Gebara. “As epistemologias teológicas e suas consequências”, em Eliana Neuenfeldt, Karen Bergsch e Mara Parlow (orgs.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo, Sinodal, 2008.

⁷ Mónica Nepote. “Tejer las redes del cuidado”, em Anuska Angulo e Miriam Mabel Martínez, *El mensaje está en el tejido*, Ciudad de México, Futura Textos, 2016.

esse tipo de trabalho tem, para mim, uma implicação pedagógica, desde a experiência de aprender olhando como se faz até a experiência criadora do erro que, às vezes, obriga a desmanchar uma peça. Mas nesse atelier observei que, quando o erro é identificado, é possível ajustar tecnicamente uma peça em construção porque a tecelã é hábil o suficiente para consertar o erro na peça em pleno processo de produção. E desse modo, ajusta a peça de tal forma que, mesmo as pessoas com o conhecimento técnico artesanal da tecelagem têm dificuldade em perceber o ajuste.

Foi com essas tecelãs que percebi o quanto era importante explicar para elas (e para mim também!) como eu trabalhava metodologicamente na pesquisa. Fiz isso, quase um ano e meio depois quando já me conheciam o suficiente, por meio de caderno com anotações que havia feito, observações participantes, e lhes entreguei com quadro sistematizado, com adescrição dos processos que nomeei como pedagógicos. E em seguida propus realizar uma entrevista coletiva por meio de um Grupo de Discussão⁸.

Ao suspeitar que o conhecimento das artesãs é um conhecimento marginal, invisibilizado e pouco reconhecido, nessa entrevista pedi para que me falassem sobre como viam seu trabalho. Em especial, nesse grupo, as artesãs analisaram o espanto de suas amigas e também de familiares sobre o que era tecer uma peça manualmente. “Por isso que às vezes quando vêm as revistas aí que o Rm manda, eu levo pra casa, mostro pra todo mundo. Tá aqui a prova. E fotos nossas do trabalho. Tá aqui. Itália, exportação. Digo: se quiser entra no site pra vê como é verdade!” – Bf.

E em outra parte da discussão as tecelãs relataram que ao irem pela primeira vez a uma feira de artesanato na capital Porto Alegre, tiveram um impacto muito positivo ao verem as próprias peças expostas no stand do Atelier em que elas trabalham. Nesse momento da entrevista perguntei se o trabalho artesanal poderia ser considerado arte.

Df: Eu olho como arte. No começo até se torna sendo mais. Mas conforme passando os anos acaba sendo só um trabalho. Que nem eu falei, a gente foi lá na feira, a gente viu, né. Aquela coisa: nossa! Foi a gente que fez! Eu acho que é uma arte. Tu lida com o fio, o tecer. As vezes as pessoas param: mas como é que tu faz isso aqui? Quando eu entrei aqui eu perguntei: como é que tem um fio que passa por cima? Como é que trama isso? Então é uma arte. Tu sabe as cor, tu sabe o trabalho, como que tu faz uma manta. Então é uma arte. Eu acho que é uma arte. Uma coisa é tu ir numa loja e comprar uma manta, outra coisa é tu fazer. Então acaba sendo uma arte, tu conhece o trabalho. Tu chega numa loja, tu sabe do que é feito aquela roupa, do que é feito aquela manta, aquela almofada. Então se torna uma arte. E sabe principalmente que é tu que faz, né.

⁸ Wivian Weller e Nicholle Pfaff (orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação: Teoria e Prática*, Petrópolis, Vozes, 2010.

A análise que a tecelã realiza sobre o seu saber fazer, ao se repetir muitas vezes, passa a ser considerado trabalho. Poderíamos pensar que é uma compreensão de que o trabalho e a arte são coisas distintas e quase opostas, no sentido de que a repetição do fazer as peças se transforma em algo enfadonho, o *tripalium* do trabalho no dia a dia; e o reconhecimento desse processo se dá para a tecelã quando ela identifica em sua narrativa a observação e admiração de uma peça artesanal na loja, feita por ela. Ou seja, distancia-se do que produz para apontar e dizer: eu sei fazer, tenho o domínio da técnica, no caso, o domínio do saber fazer. Por outro lado, uma vez identificada a técnica do saber fazer uma peça, por meio da reflexão, faz com que aos poucos a peça seja percebida como arte. E por outro lado há, a compreensão de que quando a ação passa a ser repetitiva, ela vira trabalho, propõe a compreensão de que a arte deveria ser algo sempre novo.

Em outra parte do Grupo de Discussão elas analisaram que, ao saírem juntas para uma feira de artesanato realizada em Porto Alegre, ficaram muito surpresas em encontrar muitas peças artesanais de vários estados brasileiros e também de países da América Latina. E entre distintos grupos elas contaram que ficaram muito impactadas ao constatar que as peças do próprio atelier eram muito lindas e bem feitas! Esse foi um dos objetivos do passeio: conhecerem a feira onde suas peças estavam expostas e à venda.

Sf: Tudo vira arte, basta tu saber fazer, né.

Df: Sim, ter criatividade. O principal a gente aqui sabe. Aí as vezes a gente pensa: a gente tá aqui no fundo de um pátio, em Alvorada. Mas aqui acaba chegando muitas coisas pra nós. Através da Vf através das técnicas, acaba vindo outros conhecimentos pra gente. E bem ou mal, cada uma pega esses conhecimentos. É que nem a Cf falou, a gente vê uma peça: ficaria melhor assim, ficaria legal assim. E isso é um conhecimento, é uma arte que a gente acaba tendo pela função do trabalho. A gente não se toca disso né, a gente fica acomodadinha no mundinho ali, mas que nem foi lá, a gente saiu, a gente viu lá o pessoal, a pintura, trabalho com barro, agente acaba tendo conhecimento.

Nos fundos de um pátio onde há um atelier e as mulheres estão reunidas para tecer, há trocas de saberes e técnicas, há compromisso de peças sendo tecidas e finalizadas. A percepção de que muitas coisas chegam nesse atelier em forma de conhecimento e que cada mulher administra isso de um jeito, demonstra a consciência do momento em que aconteceu a narrativa. Ou seja, aconteceu o dizer de si mesmas, que parece avaliativo quando o mundinho da comodidade foi denunciado a partir do passeio realizado na feira em Porto Alegre e outras coisas foram vistas e agora analisadas no grupo.

O excerto a seguir remete a parte final da entrevista transcrita:

Y⁹ – Isso tudo faz parte de uma sistematização né. São etapas, na verdade. A gente estuda isso né, metodologicamente. Assim como vocês tem de botar o fio no urdume, preparar o urdume, a gente também faz uma sequência de coisas que precisam ser feitas né. Então tudo é conhecimento. Tá gurias? Obrigada!

Foi com essa constatação que concluí uma das entrevistas realizadas com as tecelãs no ano de 2009 no atelier Vera Junqueira e, por meio dela, analisei experiências do trabalho artesanal. Saliento que, o que vivi nessa investigação observando o movimento de acompanhar as aprendizagens num atelier é o que intitulei nesse texto de “artesanar juntas”.

Por vezes quando eu repetia a pergunta às tecelãs sobre como faziam determinada peça ou determinado manuseio, e elas pacientemente contavam algum novo aspecto para mim, percebia o quanto de conhecimento tácito estava presente nos relatos. O atelier Vera Junqueira foi, durante esses quase 10 anos de convívio e de observação participante, uma mistura de aprendizagens narradas e tecidas ponto a ponto.

No atelier é que foi possível identificar o que também a pesquisa de Richard Sennett aponta sobre o conhecimento tácito.

Teoricamente, a oficina bem gerada deve equilibrar conhecimento tácito e explícito. Os mestres devem ser insistentemente induzidos a se explicar, para expressarem o conjunto de passos e soluções que absorveram em silêncio – se pelo menos forem capazes de fazê-lo e o quiserem. Boa parte de sua autoridade deriva do fato de enxergarem o que os outros não enxergam, sabendo o que não sabem; sua autoridade torna-se manifesta em seu silêncio.¹⁰

Cada uma de nós “artesanou” peças diferentes nesse tempo de pesquisa. Eu contava a elas como funcionava o processo metodológico de fazer pesquisa de um modo menos neutro e mais comprometido com a realidade que nos cerca, e elas permitiram que eu entendesse a complexidade pedagógica que somente intuía quando entrei lá pela primeira vez e retornei sempre de novo, como ato repetitivo quase tornado automático. Só não

⁹ Nas transcrições as pessoas foram identificadas por Abreviações, a entrevistadora Y sou eu, seguindo as orientações da proposta de WivianWeller (2006). – A citação de nomes deve ser cautelosa, mesmo quando as entrevistadas autorizam o uso dos nomes próprios no Termo Livre e Esclarecido. Em nosso caso temos mantido as abreviações dos nomes delas como de fato são, porém quando são citados outros nomes locais dentro das falas delas eu fiz uma desidentificação.

¹⁰ Richard Sennett. *O artífice*, Rio de Janeiro, Record, 2 ed., 2009. p. 93.

se tornou invisível porque, pensado coletivamente, tornando-o assim, de certa forma, uma experiência mediadora de processos educativos que analiso com Cheron Moretti em outro texto:

a experiência é uma categoria explicativa que pode ser compreendida a partir de diferentes perspectivas – aqui, no entanto, é histórica, tanto vivida quanto percebida; a experiência pode ser produzida como ausência, assim como pode ser falseada ante as ideologias “invisibilizadoras” das mulheres; as mediações educativas e pedagógicas possuem como ponto de partida e de chegada práticas sociais; a experiência, portanto, pode ser mediadora dos processos educativos e pedagógicos na relação complexa de interdependência entre classe, raça/etnia e gênero.¹¹

Esses momentos vividos no atelier produziram complicitades e foram chaves para uma recriação de um fazer pensar das experiências “artesanadas” juntas. A medida que identificamos os modos de saber fazer pensamos e é possível afirmar que tivemos outras percepções da produção artesanal que cada uma de nós faz. Com toda certeza um espanto sobre o que tudo tem sido produzido para além das peças tecidas pelos fios que nos tramam.

Considerações finais

Nossas conclusões são que os momentos vividos durante a pesquisa foram produzidos em ritmos distintos em cada encontro com o grupo. E algumas coisas foram acontecendo de um modo um tanto quanto inconscientes, são chaves para diferentes interpretações que, se destacadas e relidas, podem contribuir para a recriação de um fazer pensar as experiências que “artesanamos” juntas. E, ao identificarmos esses modos de fazer pensar, parece que uma outra percepção se instala sobre dinâmica dos grupos de produção artesanal. Um espanto sobre o que tudo é produzido para além das peças.

¹¹ Cheron Moretti e Edla Eggert. “Mulheres, Experiência e Mediação: encontros possíveis/necessários(?) entre a cidadania e a pedagogia”, em Danilo Streck, Telmo Adams e Cheron Moretti (orgs.). *Pesquisa-educação: mediações para a transformação social*, v. 1, Curitiba, Appris, 2017, pp. 45-65.



Foto 1. Exposição, Tecelãs desafiam a Educação de Jovens e Adultos, imagem de Suzana Pires. Alvorada, RS, 2016.

Aprendi que as vezes os silêncios e os olhares não encontram palavras que possam traduzir a experiência dos encontros no atelier.

Referências

- Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano. 1. As artes do fazer*, Petrópolis, Vozes, 2011.
- Gebara, Ivone. “As epistemologias teológicas e suas consequências”, em Eliana Neuenfeldt, Karen Bergsch e Mara Parlow (orgs.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do 11 Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo, Sinodal, 2008.
- Moretti, Cheron e Edla Eggert. “Mulheres, Experiência e Mediação: encontros possíveis/necessários(?) entre a cidadania e a pedagogia”, em Danilo Streck, Telmo Adams e Cheron Moretti (orgs.). *Pesquisa-educação: mediações para a transformação social*, v. 1, Curitiba, Appris, 2017.

Nepote, Mónica. “Tejer las redes del cuidado”, em Anuska Angulo e Miriam Mabel Martínez, *El mensaje está en el tejido*, Ciudad de México, Futura Textos, 2016.

Sennett, Richard. *O artífice*, Rio de Janeiro, Record, 2 ed., 2009.

Tardif, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*, Petrópolis, Vozes, 2014.

Weller, Wivian. “Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método”, em *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 2, São Paulo, maio/agosto, 2006.

_____ e Nicholle Pfaff (orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação: Teoria e Prática*, Petrópolis, Vozes, 2010.